

conhecidas e de grandes jornais, *A Notícia*, *O País*, o *Diário de Notícias*, o *Rio-Jornal*, recebendo cinquenta mil réis por artigo, redator efetivo da *Careta*, com salário mensal fixo, a parte principal de sua colaboração vai para a pequena imprensa, para *O Debate*, para o *ABC*, em que escreveu de 1916 até sua morte, porque são as revistas e jornais modestos que lhe permitem escrever com inteira liberdade, exteriorizar o seu pensamento. Sua palavra é sempre de protesto: protesta contra a apreensão de *A Folha*, de Medeiros de Albuquerque, como protesta contra a apreensão dos jornais anarquistas de S. Paulo, *Spartacus* e *A Plebe*; protesta contra a violência policial exercida sobre grevistas como contra os aproveitadores da guerra, que enriqueceram depressa, provocando a alta do custo de vida; protesta contra todas as injustiças, até mesmo as literárias que a fase, propícia à mediocridade, proporciona com abundância, atingindo-o pessoalmente muitas vezes.

A 11 de agosto de 1911, o *Jornal do Comércio*, na edição vespertina, começava a publicar em folhetim o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, terminando a 19 de outubro. Fora iniciativa de João Melo, indo ao encontro das dificuldades do romancista, que desanimava, vendo o editor do *Nick Carter* lucrar cem contos em dois anos, enquanto os confrades da Garnier não o entendiam. Ele mesmo diria: "Procuram nos meus livros bandalheiras, apelos sexuais, coisa que nunca foi da minha tenção procurar ou esconder". No júri de intelectuais promovido pela *Imprensa*, de Alcindo Guanabara, trezentos que elegeriam dez para uma Academia dos Novos, não alcançara mais do que cinco votos. O *Policarpo Quaresma* apareceu em livro, em 1915, e foi até bem recebido, com notas no *Jornal do Comércio*, no *País*, na *Gazeta de Notícias*, na *Noite*, na *Época*. Fábio Luz, Oliveira Lima, Afonso Celso, Vitor Viana, Jackson de Figueiredo escreveram sobre o romance. Osório Duque Estrada, pelo *Imparcial* de 18 de setembro de 1916, reconhece nele qualidades, mas deplora os graves defeitos e senões de forma; o retrato dos figurões o espanta: "É assim que se envenena a alma da juventude", condena. *Numa e a Ninfa* é lançado, em livro, em 1917, ano em que Lima Barreto vende ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos, por 70 mil réis, "para todo o sempre", os direitos do livro *Notas sobre a República das Brunzundangas*.

Em novembro de 1918, o editor Monteiro Lobato, que está revolucionando o ramo, propõe-se editar a *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, pagando um conto de réis de direitos, em duas prestações. O novo romance aparece, em 1919, bem lançado, e encontra críticas favoráveis em João Ribeiro e Tristão de Ataíde. Lima Barreto se entusiasma e inscreve-se para vaga aberta na Academia Brasileira de Letras, concorrendo com Humberto